

4468



Índio tembé da região do Alto Rio Guamá: com a reserva invadida, as tribos esperam providências prometidas pelo presidente da Funai

Entrega de armas sela paz de tribo com Funai

OS TEMBÉ, TIMBIRA, URUBU KAAPOR E GUAJAJARA PEDEM DESCULPAS E AGUARDAM AS SOLUÇÕES

Os índios das tribos Tembê, Timbira, Urubu Kaapor e Guajajara deram mais uma demonstração de que a paz entre eles e a Funai está realmente selada. A garantia se deu após duas longas reuniões com o administrador do órgão em Belém, o sertanista Raimundo Gomes do Nascimento e os indigenistas Francisco Potiguara e Regina Célia Silva Fonseca, no Posto Indígena Canindé, próximo da fronteira com o Maranhão; onde os índios, na semana passada, aprisionaram cinco funcionários do órgão indigenista, como protesto pela invasão de suas terras.

A primeira reunião aconteceu no início da tarde de domingo - um dia após os índios terem libertado os funcionários da Funai que ficaram como reféns durante quatro dias. As lideranças indígenas confirmaram, outra vez, que o episódio está superado. Os índios lembraram novamente que a prisão dos funcionários da Funai foi a única alternativa que encontraram para sensibilizar as autoridades para o drama que vivem diariamente com a invasão de suas terras, exploradas por invasores que retiram madeira ilegalmente e até plantam maconha.

Mesmo assim, os índios reconheceram que a prisão dos funcionários foi um golpe duro para quem luta sistematicamente pela causa indígena. "Nós pedimos desculpas pelo que aconteceu", resumiu Waldecir Tembê, um dos líderes do movimento.

"Acreditamos tranquilamente na palavra dos índios, que asseguraram, na reunião com nosso presidente (Márcio Santilli, presidente da Funai), que qualquer pessoa, funcionário da Funai ou não, poderia visitar o Posto Indígena Canindé sem correr qualquer risco. Mesmo assim, fizemos questão de ir até lá, com o objetivo de comprovar para toda a sociedade que a paz com os índios está selada e

que as atividades continuarão a ser desenvolvidas normalmente nas aldeias", afirma Raimundo Gomes do Nascimento.

ARMAS - Na segunda-feira, ao final do segundo encontro, os índios surpreenderam os funcionários da Funai ao entregarem as armas - arcos, flechas, bordunas, lanças e saiotos (usados somente pelas mulheres) - que utilizaram durante o protesto que culminou com a prisão dos funcionários da Funai por quatro dias. "A atitude dos índios é uma prova de que eles estão de espírito desarmado em relação não só aos técnicos da Funai, mas a qualquer pessoa que for visitar suas terras", confirma o administrador da Funai em Belém.

O próximo passo que será dado pelos índios Tembê, Timbira, Guajajara e Urubu Kaapor (as três últimas tribos habitam áreas localizadas no Maranhão), na luta pela desocupação de suas terras acontecerá no próximo dia 12. As lideranças indígenas dessas tribos viajarão nesse dia para Brasília, onde, juntamente com o presidente da Funai, Márcio Santilli, devem participar de encontros com os presidentes do Incri e do Ibama e com o superintendente da Polícia Federal, em mais uma tentativa de encontrar uma solução definitiva para o crônico problema de invasão de suas terras.

"Os índios já entenderam que, sozinha, a Funai não dispõe de meios legais para retirar os invasores, já que também depende da ação de outros órgãos", assegura Nascimento. Ele exemplifica que a Funai não tem como prender ou expulsar os invasores da Reserva Indígena Alto Rio Guamá, já que a missão é da Polícia Federal; assim como multar madeireiros, tarefa que compete ao Ibama. A índia e líder maior dos índios Tembê, Verônica Tembê, vai participar das reuniões em Brasília.